ALBERTO ORTENBLAD

NEVE

O ESPELHO DA NATUREZA

ALTA MONTANHA

Copyright © Alberto Ortenblad Filho

Capa e diagramação: Augusto Batista

Capa: O alpinista e a montanha nevada (Fonte: Freepik).
Contracapa: Cristais de gelo (Fonte: Johnér Images).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ortenblad, Alberto
Neve : o espelho da natureza / Alberto Ortenblad. -- 1. ed. -- São Paulo : Ed. do Autor, 2024.

ISBN 978-65-00-98228-2

1. Escalada em neve, 2. Montanhas do Brasil, 3. O telescópio de Arecibo, 4. A Guerra do Paraguai, 5. Animismo, 6. Lendas do folclore, 7. Sanitaristas e historiadores, 8. Regiões naturais do Brasil, 9. Ambientalismo, 10. Ficção.

24-199796 CDD-910.4

Índices para catálogo sistemático:
1. Viagens : Narrativa pessoais 910.4
Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Outros livros do autor:
Travessia nos caminhos da natureza
Madrugada no rumo do sol
Moraina entre a rocha e o céu
Palmeira a árvore da vida
Arenito a rocha do Brasil
Mosaico em defesa da natureza
Granito do interior da terra à busca do céu
Cerrado a savana brasileira
Horizonte o limite do mundo
Calcário a rocha viva
Ferro a riqueza e a miséria
Caatinga a mata escura
Floresta a sombra da vida
Serra a memória da Terra

Este livro pode ser adquirido no Clube de Autores e, entre outros, nos sites da Amazon, da Apple e da Americanas.
O autor mantém uma coluna no site Alta Montanha.
Alguns dos nomes foram alterados para resguardar a identidade dos personagens.
O e-mail do autor é ortenblad@terra.com.br.

Em Viagem a Ixtlan, um livro que Carlos Castaneda escreveu mais de meio século atrás, um xamã aconselha o menino que pretende chegar até lá a esvaziar a sua mochila. Ele diz que o peso reflete as coisas inúteis do passado, e o menino assim faz. Mas o importante não é o local de chegada, e sim a jornada até ele. A viagem é, na realidade, a vida do menino. Então, esse incessante caminhar que são os meus livros representa a minha viagem. Aqui eu a dedico a esse imaginário mas tão real Ixtlan, que ensina a partir e como ir, mas não a chegar.



Sumário

1. A Espera 9
2. A Volta 13
3. O Pinhal ou Cabeça do Leão 19
4. A Pedra do Bispo 27
5. Arecibo, Alex e o Grande Silêncio 33
6. As Guerras: Paraguai 43
7. Animismo 55
8. Música 65
9. Lendas do Folclore: A Gralha-Azul 69
10. Os Sanitaristas 73
11. Águas do Paraná 85
12. O Caminho do Sol 95
13. Kira 101
14. Serras e Cachoeiras no Arenito 115
15. A Guardiã 123
16. O Fazendeiro: Ruivaldo de Andrade e o Desastre do Taquari ... 127
17. O Militar: Ângelo Rabelo e o Homem Pantaneiro 137
18. Os Novos Historiadores 149
19. Abel 157
20. Santa Rita 169

1
A Espera

O começo e o fim de qualquer assunto é só o que importa. Nada acontece no meio. O meio não passa de resíduo dos extremos. Não há mistério ali.
María Gainza, autora argentina
– é dela também a frase no fim do capítulo

Não foi a ansiedade que me fez acordar antes dos outros. Nem o despertador ou o ruído do vento. Mas, mesmo assim, estou acordado. Posso esperar deitado no calor e sossego do saco de dormir. Mas prefiro me preparar.

Não é cômodo se mover dentro de uma barraca, mesmo sendo seu único ocupante: o espaço é pequeno e o teto é baixo. Mas escapo aos poucos do saco e começo a vestir essa outra roupa do dia que virá. Ela vai me acompanhar por muito tempo, um tempo para o qual venho me preparando há bastante tempo.

Não foi difícil chegar até aqui, mas foi longo, durante dias prazerosos – os campos ainda verdes, os riachos cada vez mais rápidos, depois as encostas áridas, a moraina pedregosa e enfim o glaciar nevado onde estou.

As vestimentas que manipulo são todas macias, quentes e acolchoadas. Claro que uma parte delas já está comigo. Mas faltam as outras, para me abrigar do frio externo – jaqueta, óculos, gorro. Não as visto todas, porque agora tenho finalmente de calçar as botas duplas, a primeira vez desde o início.

Já começaram a acordar. Ouço o som amigo do fogareiro derretendo a neve para nosso chá matinal. Não gosto de comer muito na montanha, apenas coisas fortes, concentradas. Também detesto peso desnecessário às costas – se pudesse, escalaria no estilo alpino, com uma mochila leve, comida limitada e pouca proteção.

Mas isso exige aptidões que não tenho – não sou veloz nem resistente, não me aclimato bem. A altitude sempre foi para mim um exercício delicado. Uma lenta progressão, a mente tranquila, a

ansiedade vigiada. Se você me perguntar, direi que até gosto dessa aproximação controlada, ela me torna mais focado.



Uma longa plataforma de neve firme.

Agora escuto gritos. As pessoas berram para encontrar o ânimo e espantar o medo. Detesto gritos, parecem uma bravata, uma ostentação. Como se fossem vestes coloridas para chamar a atenção. São principalmente latinos como eu, então são sempre barulhentos.

Então estou pronto. Não tive tanto trabalho com minha mochila, essa inseparável e indesejável companheira. Já a tinha arrumado de véspera, fico contente porque ela está bem-posta, o peso no fundo e a postura ereta, sem tombar. Coloco por último as piquetas, que vou usar como apoio no gelo, e os grampões, suas garras de aço darão estabilidade às botas.

Logo irei encontrar meus companheiros na barraca comunal do desjejum. Mas a manhã ainda não chegou, continua escuro, e é assim que deve ser para percorrermos uma neve estável antes dos efeitos do calor do sol.

Não parece, mas é um momento decisivo quando afinal deixo esse lar provisório, onde ficam as coisas e as memórias. O passo inicial, o primeiro de muitos, para fora da tenda. E para dentro

do mundo crescentemente inóspito dessa natureza onde tenho vivido por todos esses dias.

É preciso sorrir ao encontrar os companheiros. Não é fácil falar, repetir banalidades, responder e perguntar, embora haja interesse recíproco entre nós. Percebo que não estou ansioso ou preocupado. Mas noto pessoas insones, rapazes atrasados, moças inseguras.

Não sou melhor do que eles, alguns são jovens e resistentes, outros são experientes. Mas não somos muitos e nem caminharemos juntos. Sou lento, quero começar antes, escolher meu ritmo, como fiz outras vezes.

À minha frente, terei de percorrer uma longa plataforma de pouco aclive e neve firme. Seria agradável se não fosse a visão distante da encosta e da corcova atrás da qual se esconde nosso objetivo.

Tantas vezes imaginei o meu percurso. Quando o sol romper no horizonte, já estarei na neve da encosta, apoiado na minha piqueta amiga e depois encordado com poucos companheiros. No meio da manhã, minha jaqueta na mochila e meu cantil pela metade, encontrarei o cansaço no gelo mais duro da curvatura da montanha. Alguém já terá partido serra acima e alguém já terá baixado em desistência.

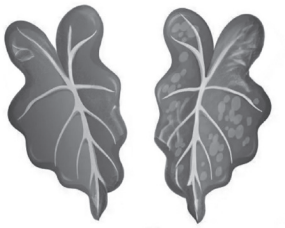


De propósito não quis conhecer o visual do cume.

Mas uma coisa não sei, de propósito não quis conhecer: o visual do cume, com as línguas dos glaciares, os rios brilhantes, as terras coloridas e os perfis das montanhas rivais. Este é um panorama que só enxergarei quando merecer.

Agora chega. Abandono o ruído estéril à minha volta. Saio e olho de fato a noite pela primeira vez. É um tempo muito frio, mas com uma cara limpa e um vento ameno. A lua solitária ilumina esse assombroso mundo glacial, um fantasma frio e quieto.

Sinto uma grande amizade pelo desafio e *uma leve felicidade na tristeza*. Estou calmo, quase feliz, e sei que encontrarei o cume me esperando.



2
A Volta

Qual é a coisa mais corajosa que você já disse? perguntou o menino.
Socorro, respondeu o cavalo.
Quando você se sentiu mais forte? perguntou o menino.
Quando tive coragem de mostrar minhas fraquezas. Pedir ajuda não é a mesma coisa que desistir – afirmou o cavalo.
É se recusar a desistir.

Charlie Mackesy, ilustrador e escritor britânico

Progredimos bem pela plataforma nevada, seguindo o rastro dos dois companheiros à frente. Eles são magros e atléticos, quando me encontrava com eles notava a precisão de seus movimentos. E, quando caminhava, sentia o ritmo seguro e rápido de suas passadas. Ainda bem que foram antes, assim não vou competir com sua pressa e conviver com sua impaciência.

É estranho enxergar suas pegadas na luz oval da lanterna. Parecem pertencer a uma criatura dessa montanha, a um fantasma que flutua a ermo por aquele campo. Não é difícil avançarmos assim, na neve firme e inclinada, mas me sinto isolado no escuro. Sim, porque o dia ainda não nasceu, e esse era mesmo o nosso plano: chegar à encosta no começo da luz.

Às vezes o dia nasce de uma forma ameaçadora, uma claridade aguda que perfura as nuvens perigosas. Mas esse não é o caso hoje: o céu está limpo e o brilho que surge é suave, empurrado por um vento amigo. Agora posso desligar a lanterna, mas ainda não descalçar as luvas, faz o frio gelado do primeiro sol.

A encosta é irregular, com pedras expostas como cogumelos pardos que brotam da neve. Avançamos entre elas, copiando o traçado dos companheiros da frente. Mas nem sempre, pois agora com mais luz somos capazes de escolher caminhos melhores. O esforço é razoável, traz calor, sede e algum cansaço.

Afinal, nossa pequena equipe já caminha há horas. Quando paro, avisto lá embaixo o grupo maior numa linha sinuosa. Mas não os dois rapazes de cima, escondidos pela altura ou pelas pedras. O aclive agora aumenta, vestimos os grampões e nos encordamos para progredir em segurança. É curioso como o esforço faz cessar as conversas, avançamos em silêncio.



O muro de gelo adiante.

Chegamos na primeira parede. Não é fácil escalar no gelo, preciso agora da segunda piqueta, uma em cada mão. Não fosse a segurança das pontas do grampão, seria ainda mais penoso elevar o corpo. Mas a parede não é longa, um ensaio para o muro maior de gelo que vemos adiante, emergindo pleno e inocente do abraço das pedras.

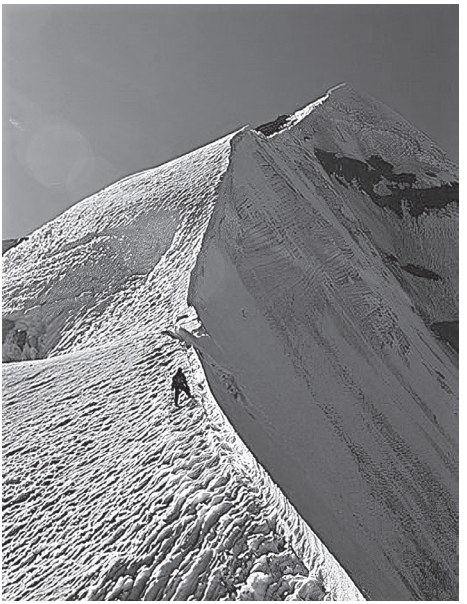
O sol está forte, o espaço é quente, a adrenalina fica alta. E isso é bom, sinto que estou pronto. Não sou o primeiro, mas logo sou capaz de repetir os movimentos certeiros do meu companheiro. É preciso ser paciente, avançar e esperar, receber e dar apoio, uma rotina dura e necessária, que volta a se repetir mais à frente.

Esta foi a última parede, nos custou o tempo que o sol levou para nos observar a pino – e também dois companheiros que decidiram

voltar juntos. Enxergamos finalmente, meu colega e eu, a crista terminal da montanha – longa e definida, íngreme e estreita. Ela é todo nosso horizonte e também nossa direção.

Quer saber – nesse momento, é todo nosso mundo. Se você me perguntar o que havia à nossa volta, não saberia dizer. É delicado subir por uma aresta delgada, nossa atenção tem de focar no caminho, não há tempo para conhecer outro mundo que não este, próximo e pequeno.

É com ânimo que avanço pelo rastro dos dois rapazes que seguiram antes, e leva tempo até que cruzemos com eles descendo. Estou apenas cansado, acho que o passo controlado me preservou, mas meu colega está exausto. Decide voltar com a proteção dos dois, está naturalmente embaraçado, mas não quero explicações, são inúteis e demoradas, afinal foi uma decisão sensata.



A crista tão íngreme e estreita.

Agora estou sozinho. Sinto medo daquela rampa entre abismos, do tempo implacável, da minha fraqueza e finitude. Mas não tenho realmente opção a não ser prosseguir, convivendo com a dor de cabeça, o enjoo da falta de ar, a dificuldade do passo e o ofuscamento da visão.

Aos poucos, o azul acima de mim vai aumentado, sei que estou chegando. O coração dispara com a primeira visão do outro lado. Sim, o isolamento e o panorama do cume, único lugar de toda a terra onde quero agora estar. Lá embaixo, as línguas dos glaciares, os rios brilhantes e as terras coloridas; além, os perfis nevados das montanhas rivais; lá em cima, o inevitável céu azul de toda a vida. Um tempo de contemplação que parece parado no vento.

A minha sombra cresce à medida que repito o meu caminho, baixando aquela espinha entre abismos, agora ainda mais perigosa. Não encontro todos os outros companheiros lá de baixo – devem ter desistido, dispersado. Descer as paredes de gelo não parece mais tão penoso, apesar da sede, do cansaço e do frio da tarde.

Mas algo acontece: o mundo se torna cada vez menor e mais escuro, enquanto tateio à minha volta. Percebo que o ofuscamento do sol tão brilhante embaçou minha visão. Estou cego, estou esgotado e estou sozinho. Mas contei as paredes de gelo e sei que passei pela última. Sei que tenho apenas à minha frente a longa plataforma nevada.



Tenho à frente apenas a plataforma nevada.

Sento e espero. Nada acontece, nem luz nem som. Penso que uma vida breve não é pior do que uma vida longa. Acho que não tenho medo. Recordo que, durante todo o tempo em que fiquei na montanha, o vento sempre soprou à tarde na direção dela.

Começo então a caminhar contra o vento frio. Paro quando ele para e ando quando ele volta. Sei que agora já é quase de noite mas não preciso de luz. Apenas acendo minha lanterna para que aqueles que certamente me buscam possam enxergar. Sinto uma espécie de amizade pelo desafio. Estou calmo, quase feliz, e sei que o mundo voltará a ser conhecido quando encontrar o acampamento me esperando.



3
O Pinhal ou Cabeça do Leão

Quando pequena, queria viver porque existiam as feras, os cavalos e o chamado da floresta; as vastidões, as montanhas elevadas e o mar tempestuoso; os acrobatas, os equilibristas e os contadores de histórias. A antivida se resumia à sala de aula, à matemática e á cidade.
Nastassja Martin, escritora francesa

Acho esta uma montanha muito interessante, pena que seja mais chamada de Pinhal do que de Leão. A razão é que este segundo nome só se justifica de um ângulo pouco comum, a partir da serra oposta. Fica na esplêndida região do Matutu, no município mineiro de Aiuruoca.

I

Começo este relato por um rio que me é muito querido e que, ao longo dos anos, fui conhecendo sob distintos aspectos. Pois isto acontece especialmente com os rios de montanha, cujos cursos altos são tão diferentes de quando alcançam a planície – passam de limpos, rápidos e encachoeirados a mansos, sinuosos e barrentos.

O Aiuruoca (nome tupi que significa *morada de papagaios*) nasce a nada menos do que 2.540 metros, na base do Agulhas Negras, no interior do formidável PN de Itatiaia. E logo se derrama numa emocionante cachoeira, que até hoje acho misteriosa. Passa em Minas por locais como Alagoa e Carrancas e mergulha no Rio Grande próximo a uma grande usina hidrelétrica.

A propósito, pelo menos há vinte anos se discute o aproveitamento do Aiuruoca para o fornecimento hidrelétrico. É estranho comparar a geração de energia, que é instantânea, com a natureza de um rio, que é permanente. Por mim, o Aiuruoca nunca deveria afluir para nenhum outro rio e sim permanecer sozinho. Talvez tenha sido por isso que nunca conheci sua foz, porque ela é afinal uma forma de morte.